

Os gatos e a economia

MAURO GUIMARÃES

A apenas algumas horas do encerramento do chamado governo de transição, que, assim, saiu da nossa vida (ufal!) para, provavelmente, entrar na História, talvez seja oportuna a adaptação de uma velha e divertida histrieta para ajudar a entender estes disputados cinco anos do governo Sarney e, quem sabe, também os próximos cinco que começam dia 15. Vamos a ela.

Na escola, o professor perguntava ao universitário esperto e atento:

— Que é a Ciência?

A Ciência é procurar, de olhos vendados, um gato num quarto às escuras.

— Que é a Filosofia?

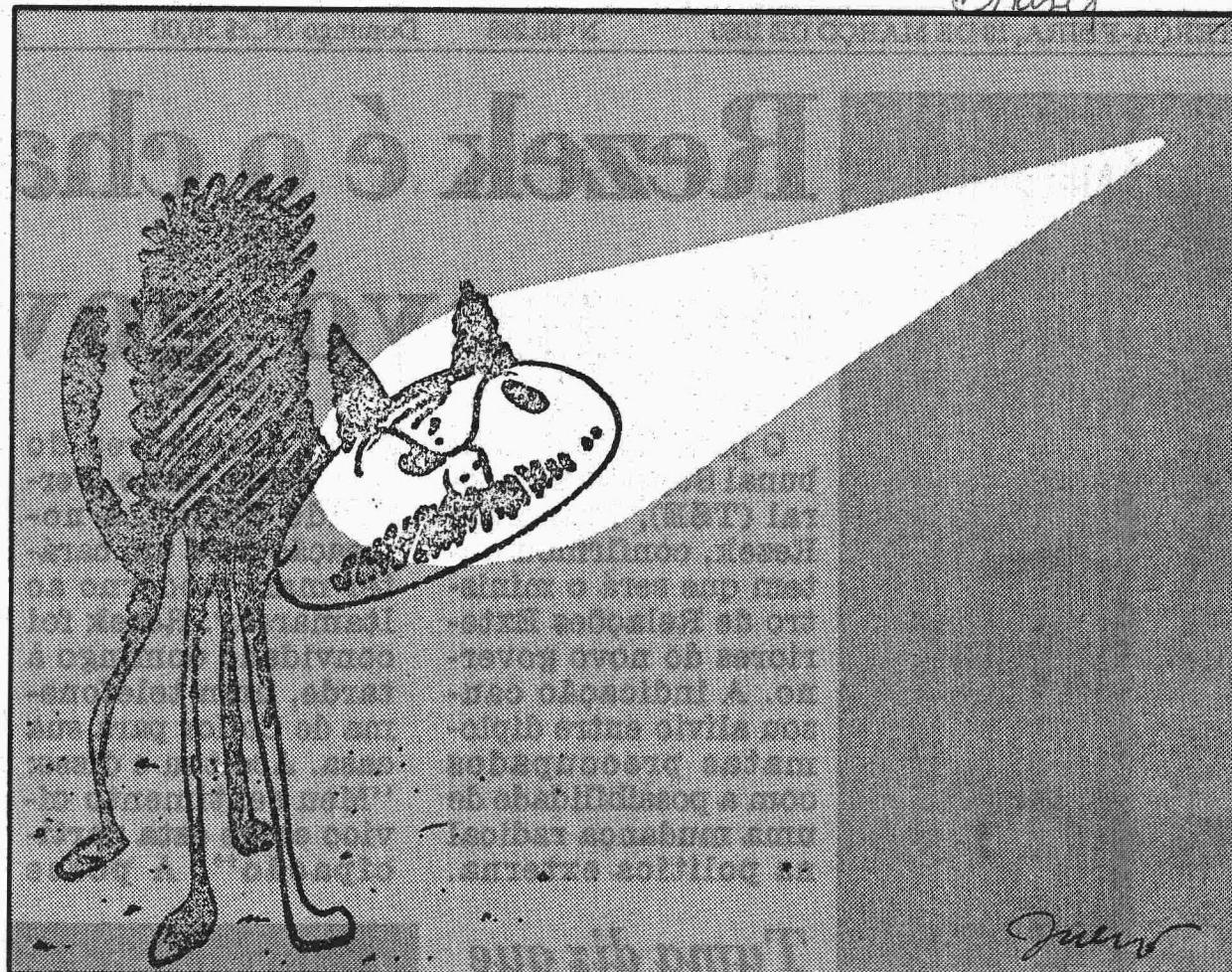
A Filosofia é procurar, de olhos vendados, num quarto às escuras, um gato que lá não está.

— Que é a Economia?

A Economia, para o governo Sarney, foi procurar, de olhos vendados, num quarto às escuras, um gato que nunca estava lá e gritar sempre: "Agarre-o!"

Com efeito, produzindo três choques monumentais, todos fracassados, manipulando nada menos que três moedas, das quais a última, esse desmoralizado cruzado novo, não vale nada para o atormentado cidadão comum, o governo que expira esteve sempre aprisionado por um discurso que entremeava o mais irresponsável triunfalismo, anunciando gatos que, oficial, não existiam, com lances de depressão nos quais palavras fortes como traição, ingovernabilidade, etc., foram banalizadas sem, no entanto, conseguirem esconder ciclotímicas crises de indefinição e insegurança — uma espécie de marca registrada destes cinco anos. O governo, à propósito, foi firme defesa dos cinco anos, é preciso mais uma vez reconhecer, coerente na manutenção das liberdades públicas e individuais.

Na verdade, esse tipo de discurso, como, infelizmente, ainda ocorre com desastrada frequência no debate público brasileiro, esteve sempre subordinado à mais pura e simples ideologia, aqui desem-



penhando o papel clássico da ideologia, isto é, véu e justificação.

Aliás, desatentos aos desacertos passados, membros já conhecidos do governo e luminares nem sempre muito saudáveis da nova oposição, reincidem no uso da ideologia como véu e justificação, ou da dissensão ideológica que nada constrói, procurando cada um seus bodes expiatórios, ou gatos, onde eles não estão, para identificar um, a seu modo, a origem das mazelas da crise brasileira (corrupção, sonegação, ineficiência) e suas três parceiras mais conhecidas: a dívida externa, a interna e a degradante dívida social. Descartar a

Crises de insegurança marcaram estes cinco anos

ideologia, como véu e justificação, talvez seja um passo importante para chegarmos, finalmente, à tão falada, esperada e, quem sabe, daqui a pouco desmoralizada, modernidade. Recordar um conceito que, de fato, identifica a origem primeira

dessas mazelas pode ser um bom começo para todos nós.

Nas raízes da herança colonial brasileira e, também, latino-americana, estão identificadas as origens de problemas institucionais, políticos e econômicos que até hoje atormentam o continente. Distribuindo vastas terras, minas ricas e, aparentemente, inesgotáveis e poder total e abrangente a seus favorecidos, as Coroas portuguesa e espanhola plantaram aqui as sementes de uma verdadeira praga que atormenta a vida das nossas populações: a mentalidade cartorial que pelos séculos se sustentou nos regimes do favor, da corrupção, responsável, além disso, por uma alienada hipervalorização do trabalho chamado intelectual, origem de um bacharelismo inócuo e inibidor do saudável desenvolvimento dos ofícios, do esforço profissionalizante, da busca do pensamento original, esta última, sufocada quase sempre pelas dependências culturais que o bacharelismo herdou dos colonizadores.

Como consequência dessa herança, perdura, na raiz do drama

político brasileiro e latino-americano, a crença desmedida no poder terapêutico do Estado. Em todos os países do continente, seja sob regimes democráticos, seja nas ditaduras militares, de esquerda ou de direita, é omnipresente a figura do Estado, titular quase absoluto de feudos, pretendendo distribuir tudo: justiça, riquezas, concessões, favores aos amigos. É o célebre Estado-conselheiro, pai e patrão e, muitas vezes, carcereiro.

Às vésperas de um novo tempo, que esperamos seja melhor para todos, a desmistificação do papel do Estado e a subordinação da sua tecnoburocracia corporativista aos verdadeiros interesses da sociedade civil serão o começo e o caminho que nos pode conduzir ao desenvolvimento, à justiça social e à necessária estabilidade política. Até porque, nas economias estabilizadas não é comum encontrar os gatos anunciados. Mas na escuridão delas, costuma proliferar os gatunos.

Mauro Guimarães, jornalista, é vice-presidente da Salles Interamericana